



Gêneros em questão: à guisa de introdução

Já há muito tempo têm se superado a percepção de que gêneros cinematográficos ou audiovisuais se resumem a sistemas estanques, cujo intuito seria restrito à rotulagem e limitação de grupos de narrativas a partir de seus respectivos elementos temáticos ou estéticos. Seja nos estudos acadêmicos, na crítica especializada ou entre o público espectador, a ideia de que os gêneros se expandem, se hibridizam e até mesmo se confundem tem se tornado um consenso — especialmente em um momento no qual as circunstâncias de produção, distribuição e exibição passam por reestruturações, intensificadas pela pandemia de COVID-19 e o avanço de serviços de *Subscription Video on Demand (SVOD's)*, popularmente conhecidas como plataformas de *streaming*.

Deste modo, os gêneros seriam, como sugere Robert Stam em *Introdução à Teoria do Cinema* (São Paulo, Papyrus Editora, 2010), um trampolim para a criatividade e a inovação. Ou ainda, sob uma perspectiva metafórica inspirada na geografia ou cartografia, os gêneros cinematográficos e audiovisuais poderiam configurar terrenos de solo movediço e topografia acidentada, sobre os quais as delimitações serviriam apenas como referências ou itinerários, constantemente sujeitos a reconfigurações ou realocações.

A partir dessa ótica, com a chamada inicial proposta e escrita por Lucas Procópio Caetano, a Revista Zanzalá convidou autores a contribuírem com o dossiê *Gêneros em questão*, visando reunir artigos que promovessem reflexões acerca dos mais variados gêneros cinematográficos e audiovisuais em narrativas, que questionassem suas fronteiras e nos apresentassem questões como:

- Um gênero ficcional pode ser superado, como indica a recente polêmica do pós-horror?
- O avanço das plataformas de streaming influencia na realização e na recepção de determinados gêneros?
- Como a centralização de personagens não-brancos, não-cisgêneros e não-heterossexuais

modifica paradigmas genéricos em narrativas contemporâneas?

- Gêneros solidificados por Hollywood estão sendo subvertidos por realizadores oriundos de países emergentes através da democratização dos meios de produção audiovisual?
- Os realizadores contemporâneos estão trabalhando de maneira mais autorreflexiva com os gêneros?
- Podemos falar em gêneros transmidiáticos?
- Gênero e autoria: novas reflexões sobre o tema.

De todo modo, o dossiê *Gêneros em questão* não se pretendia restrito às indagações elencadas acima. Ao contrário, os autores foram convidados para essa chamada a fim de levantar possíveis temas para nortear e inspirar a discussão, que vem sendo estimulada pelas produções interculturais e transculturais produzidas pelas plataformas de *streaming*, com destaque para Netflix, que inovou a produção local. A seleção final traz a essas especulações analíticas uma série de abordagens, ordenadas em quatro seções: *autores convidados*, *artigos*, *entrevista* e *resenha*.

O cinema passa por hibridações não somente por conta das coproduções, mas também da integração de circuitos regionais de produção ao grande circuito exibidor por meio das plataformas de *streaming* e dos festivais e mostras ao redor do mundo. É forçoso reconhecer, entretanto, em produções musicais africanas como *Madame Brouette* (2002) e *Nha fala* (2002): *musicais africanos de múltiplos trânsitos* a influência dos musicais hollywoodianos — ainda que sob o processo de aculturação local dessa produção, extremamente popular na África. Ainda na seção de autores convidados, temos um levantamento histórico sobre as origens do melodrama. A investigação de *Do teatro ao streaming: rastros e entre-lugares do melodrama nas narrativas ficcionais do passado e do presente* nos permite uma mirada ampliada na produção recente de ficção seriada brasileira e mundial em obras contemporâneas como *Avenida Brasil* (2012), a série *Coisa Mais Linda* (2019-2020), além da espanhola *A Casa de Papel* (2017-2021). Ademais, o artigo *O que é suspense para a Netflix*, baseando-se nos conceitos de análise cultural de Mittell (2000) e Altman (2000), busca expor estratégias utilizadas pelo grupo, que começou nos Estados Unidos e agora distribui conteúdos oriundos dos quatro cantos do mundo, para explorar elementos do *thriller* e do suspense como ingredientes de gêneros ficcionais distintos.

O estudo *Sabrina e Carmen, as bruxas rebeldes: feminismo, hibridação cultural e questões de gênero nas séries originais teen da Netflix* abre a seção de artigos e explora as relações entre a ficção seriada destinada a adolescentes e jovens adultos produzida pela Netflix e a representação das

relações de gênero nas séries *O Mundo Sombrio de Sabrina* e *Siempre Bruja*. O suspense e a narrativa criminal estão em alta, e dão outro sentido à produção romântica de algumas obras, questão proposta pelo artigo *A linguagem cifrada de Eros: suspense, comédia romântica em Você*, que analisa essa produção original da Warner Horizon para o canal Lifetime, que acabou alcançando êxito mundial a partir de seu ingresso — e subsequente incorporação como série original — na Netflix. Por sua vez, o artigo *Era uma vez um crime: A linguagem documental e o gênero da ficção policial* examina as hibridizações entre o documentário realista e a narrativa criminal cada vez mais em voga nas telas brasileiras, tanto no cinema quanto na televisão aberta e no *streaming*. O caso de Elize Matsunaga, transformado em doc. pela Netflix, permite acompanhar essa evolução em que o enigma perde espaço na narrativa para a construção da personagem, alçada a posição de celebridade pela mídia por ter assassinado um importante executivo do país. Para concluir este bloco, a delicadeza de certas narrativas que deveriam ser mais intimistas e até filosóficas, posto que trazem questionamentos humanistas, é o mote para o artigo *Encenação e afeto na composição do horror em Hereditário e Midsommar*.

Na seção de Entrevistas temos um perfil da cantora, performer e repentista sergipana Isis Broken, a “trava cangaceira”. Isis mescla elementos de contos góticos de horror e do folclore nordestino para compor sua personagem nos palcos e nos clipes, um deles, *O Clã*, premiado no Festival de Cinema de Vitória de 2018. O último clipe, *Ararinha da Viola*, assinado como um filme pela diretora Letícia Pires, com roteiro da própria cantora, é uma homenagem ao avô da artista, repentista como ela. Para fechar a edição temos ainda a resenha do novo livro de Rosalind Galt, intitulado *Alluring Monsters: The Pontianak and Cinemas of Decolonization* (Columbia University Press, 2021). A obra discorre sobre uma entidade mítica feminina asiática, na verdade um vampiro fantasma, e que aparece com constância na produção cinematográfica da Indonésia. A personagem e a obra de Galt nos é apresentada na resenha *Monstras Irradiantes: Um novo tratado da monstrologia*.

Luiza Lusvarghi
Luiz Felipe Baute

Equipe Editorial Zanzalá